

AS REALIZAÇÕES DOS RÓTICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM RECORTE FONOSTILÍSTICO

Valdir Vegini¹

vveгинi@gmail.com

RESUMO: O trabalho apresenta um estudo da pronúncia do /r/ em falantes do português brasileiro em posições previsíveis dentro de palavras contidas no enunciado “**R**ato gordo e esperto, de uma nova era, corre atrás de gato desr^{ic}ado dentro de um bar” em três velocidades de fala: registro hipoarticulado, registro normalmente articulado e registro hiperarticulado. A gravação dos enunciados foi submetida a uma análise acústica, refinada através do programa computacional Praat, e os seus resultados foram interpretados à luz da Fonologia Natural, da Fonostilística e das informações extralingüísticas fornecidas pelos informantes. Os resultados da pesquisa mostram, entre outras conclusões, que: a) o fonema vibrante alveolar /r/ inexistente nos registros mais enfáticos na fala de todos os informantes; b) a variante /h/ é a mais pancrônica das realizações fonéticas; c) a realização fonética mais próxima da intenção fonológica é [h] ~ [r], com leve predominância para a primeira; d) em velocidade média de fala (registro normalmente articulado), o fonema vibrante alveolar /r/ mostra ainda alguma produtividade; e) nos registros espontâneos, os quatro informantes, como era de se esperar, perdem o controle consciente da fala e retomam as idiosincrasias do sistema fonético de suas línguas maternas; f) comparados entre si, os informantes mostram grande dispersão nas realizações fonéticas nos registros espontâneos já que suas naturalidades são muito diversas.

PALAVRAS-CHAVE: Fonologia natural; Fonostilística; Linguística Variacional; Português Brasileiro.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar um estudo da variação fonostilística das realizações dos róticos em falantes do português brasileiro em posições previsíveis dentro de palavras contidas no enunciado “**R**ato gordo e esperto, de uma nova era,

¹ Universidade Federal de Rondônia – UNIR/CEPLA/Campus de Guajará-Mirim (professor colaborador e pesquisador associado). Agradeço aos quatro informantes: α , β , γ e δ ; a Giuliano Giorgio Vegini e Genésio Vegini.

corre atrás de gato desriçado dentro de um bar” em três velocidades de fala: registro hipoarticulado, normalmente articulado e hiperarticulado. Estudos variacionistas à ótica da fonostilística têm a propriedade de mostrar *in vivo* não somente a dinâmica das mudanças lingüísticas, mas fragmentos de tendências ou de mudanças em processo na medida em que comparam entre si diferentes registros de enunciados. Essa parece ser a grande contribuição que esse tipo de análise presta à área variacionista dos estudos lingüísticos.

No que tange ao trabalho empírico, os dados submetidos à análise acústica e lingüística tiveram origem numa gravação realizada com cinco falantes do português brasileiro (dois homens e três mulheres), funcionários de uma empresa prestadora de serviços de segurança em edifício residencial situado no centro da cidade de Joinville/SC, onde residia o pesquisador. Detalhes dessa análise e seus desdobramentos estão devidamente detalhados mais adiante nos procedimentos metodológicos, na discussão e conclusão.

As motivações para a realização deste experimento são muitas, mas entre todas certamente a maior delas se deve ao longo tirocínio do autor na docência da disciplina *Fonética e Fonologia do Português* nos cursos de Letras ou programas de Pós-Graduação. De forma praticamente sintomática tem ele observado que nas primeiras aulas dessa disciplina os alunos mais motivados ficam encantados com a variabilidade fonética do "erre" na língua portuguesa falada no Brasil; os menos motivados, espantados. No decorrer do processo de ensino-aprendizagem, porém, os mais motivados começam a perceber que o encanto inicial só pode ser mantido com muito estudo e trabalho; a desmotivada boa parte deles pelo menos, acabam se curvando diante da realidade lingüística complexa de sua língua nativa e se juntam aos mais motivados, ou seja, convencem-se de que é preciso muita dedicação e muito trabalho para não se deixarem devorar pelo objeto enigmático da pronúncia dos erres. Acerca disso, já alertavam os antigos sábios gregos: *“O espanto vem quando um objeto se coloca diante de nós como um enigma a ser decifrado. ‘Decifra-me ou te devoro’”*.

Pois bem, com o objetivo de desvelar ou decifrar parte dessa complexidade lingüística e não ser devorado também pelo “espanto”, o que se propõe no presente estudo é verificar a “pronúncia do erro no português brasileiro” à luz de um recorte fonostilístico e, a partir daí, abstrair e demonstrar evidências dos processos fonológicos que subjazem à dinâmica das mudanças lingüísticas em processo.

1. A PRONÚNCIA DOS RÓTICOS: UMA PREOCUPAÇÃO ANTIGA

A preocupação com a complexidade da pronúncia do "erre" deve ser tão velha quanto à humanidade e com certeza ficou mais evidente quando nossos ancestrais deixaram as cavernas para se transformarem em homens “caçadores/coletores”, período em que eventualmente tomaram contato com outros povos e tiveram a mesma impressão que hoje temos quando ouvimos alguém vocalizar informações utilizando num código lingüístico desconhecido: “Que coisa estranha, como eles falam engraçado, parece que têm uma pedra na boca”. Seria a *pedra na boca* o “erre” ?

Suposições à parte, Malmberg, (1954, p. 82-6), em seu famoso livro *A fonética trata das consoantes chamadas vibrantes* que, segundo ele, “são articuladas de tal modo que o órgão articulante – que nesse caso é ou a ponta da língua ou a úvula – provoca uma série de oclusões muito breves, separadas por pequenos elementos vocálicos”.

O texto de Malmberg é, sem dúvida, muito esclarecedor ao constatar, inclusive, a ocorrência de mudanças lingüísticas na pronúncia de várias línguas européias, entre as quais as dos processos fonológicos de enfraquecimento. Registra também Malmberg questões sobre as quais se debruçam estudiosos ainda hoje, como por exemplo, Callou *et alii* (in KOCH, 2002, p. 483) no seu artigo *Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil* em que afirma: “a análise dos dados de falantes de POA e SP indica que o processo de mudança pode ser gradual ou abrupto”. Para Malmberg, a substituição do “r” anterior por um “r” posterior deu-se quase simultaneamente em muitas línguas da “Europa e noutros lugares”:

Há duas espécies de *R*, do ponto de vista do órgão que o articula: o *r* anterior ou apical e o *r* posterior ou uvular. O primeiro é pronunciado de tal forma que a ponta da língua, tocando os alvéolos, é empurrada para frente pela corrente de ar. Graças à sua elasticidade, a língua regressa à primeira posição, e o mesmo movimento vai-se repetindo quatro ou cinco vezes seguidas num *r* múltiplo. É a este *r* que freqüentemente se chama *r* “rolado”. O *r* apical vibrante é, por assim dizer, a forma primitiva deste fonema, na Europa e noutros lugares. Já não é a ponta da língua, mas a úvula que vibra e produz os contactos repetidos com a parte posterior do dorso da língua. Este *r* posterior vibrante [...] está tão espalhado na França como noutros países. [...]. Os dois tipos de *r* – anterior e posterior – são, o mais das vezes, duas variantes (regionais ou individuais) do mesmo fonema. Em português, francês, inglês ou alemão não se pode mudar o sentido de uma palavra só porque se substitui um *r* apical por um *r* uvular.

Mattoso Câmara (1953, p. 19-20), no seu estudo sobre a *o problema da líquida vibrante* conclui assim sua análise:

[...] o /r/ brando é um mero alfonone de posição intervocálica. Fonêmicamente, corresponde a um enfraquecimento, à maneira do que sofre o /b/, o /d/ e o /g/, determinado por essa posição. A líquida vibrante, assim considerada é um só fonema, na base da sua articulação forte, apresenta além do alofone posicional que é o /r/ brando, uma variação livre como velar, que facultativamente, no sistema da língua, substitui a sua vibração anterior múltipla.

Em 1970, conforme escreve Silva (1999, p. 170), “Mattoso Câmara revê a proposta assumida em 1953 e demonstra que os *glides* devem ser analisados como segmentos vocálicos”.

[...] sílabas do tipo CVC são seguidas por outra sílaba que se inicia com a consoante “r” teremos aí o “R” forte: /iSlɛ'ar/ “Israel” e não */iSlɛ'ar/ ou /eʒ'Nor/ e não */eʒ'Nor/ “genro”. Se os glides comportam-se como consoantes posvocálicas em sílabas travadas do tipo CVC, espera-se que o “r” que segue o glíde seja o “R forte”. Isto porque o “R forte” segue consoantes em sílabas travadas (cf. “Israel, genro). Contudo, exemplos como “beira” ou “europa” mostram que é o “r fraco” (e não o “R forte”) que segue o glíde. Uma vez que o “r fraco” ocorre entre vogais (cf. “pera” e entre glíde e vogal (cf. “beira”), [...] os glides são interpretados como segmentos vocálicos). Contra exemplos a esta análise são as palavras “bairro” e suas formas derivadas (cf. “bairrista”). Contudo, nos demais casos em que o “r” segue o glíde posvocálico temos o “r fraco”: pairar, amoreira, instaura, pleura, touro, etc.”.

Estudos sobre róticos em posição de coda silábica com tendência para a “posteriorização do ponto de articulação da consoante, acompanhada de um processo de enfraquecimento e perda” também não é preocupação recente, conforme lembram Callou *et alii* (2002, p. 464) ao citarem trabalhos de Granda Gutierrez (1966), Martinet (1969) e Pählsson (1972). Cagliari (1981, 29-34), em sua tese de *Livre Docente*, faz um detalhado levantamento das possíveis ocorrências do “erre” no português brasileiro. Do quadro das consoantes formulado por Cagliari (1981, p. 39), são extraídas para este artigo apenas as unidades sonoras relativas às articulações fonéticas do fonema /r/ e do arquifonema /R/, conforme ilustrado no Quadro 1:

Modos de Articulação	Lugares de articulação							
	Dental	Alveodental	Alveolar	Palato alveolar	Velar	Uvular	Faringal	Glotal
Fricativa								
Oclusiva								
Fricativa		[ʃ] [ʒ]			[x] [χ]	[χ][ʁ]	[h] [ħ]	[h][ɦ]
Vibrante	[r] [r̥]		[r] [r̥]			[ʀ]		
Tepe	[r][̣r]		[r] [r̥]					
Flepe			[ɾ] [ɽ]					
Retroflexa			[ɻ][ɻ̥]	[ɻ̥] [ɻ̥]				
Constritiva			[ɻ][r̥]	[ɻ̥]	[ɣ]	[ʁ]		

Quadro 1: Quadro das consoantes - (Cagliari (1981, p. 39)

Levantamento detalhado a respeito do “erre” também é realizado por Angenot & Vandresen (1981, p. 82 e 102) em artigo que tem por objetivo apresentar uma contra-proposta para a compreensão da complexidade dos róticos na língua portuguesa:

There is general agreement about the coexistence of two types of “r”s in Portuguese, namely ‘weak’ and ‘strong’ within the framework of relative strength. According to various authors (such as Mattoco Câmara 1953, Paviani 1969, Brasington 1971, Leite 1974, Mateus 1975) the weak “r” attested in all the present spoken versions, is phonetically considered as a simple alveolar vibrant (apical alveolar tap), such as [r], which occurs in caro (expensive) and prato (plate). The strong “r”, on the other hand, presents considerable dialectal and idiolectal variations and is characterized by following main allophones: [r] - alveolar multiple vibrant, [ɾ] - retroflex multiple vibrant, [ʀ] - uvular multiple vibrant, [x / χ] - voiceless and voiced velar fricatives, [χ / ʁ] - voiceless and voiced uvular fricatives, [h] - voiceless pharyngeal fricative. [...]: the solution is (a) abstract but synchronically no-arbitrary; (b) more economical and generalizing from the overall perspective.

2. TRABALHOS MAIS RECENTES SOBRE OS RÓTICOS

Os cinco estudos mais recentes envolvendo a pronúncia dos róticos em diferentes posições dentro da palavra, salvo maior juízo, são os de Callou *et alii* (1996, 1998 e 2002), de Oliveira & Cristófaros-Silva (2002) e Monaretto (1997, 2000, 2001, 2002, 2003).

No trabalho de 1998, Callou *et alii* tratam do processo de enfraquecimento do fonema /R/ em posição de coda, em final de palavra, no dialeto do Rio de Janeiro. Seguindo a abordagem laboviana quantitativa, são comparados três conjuntos de dados, com o objetivo de apresentar uma análise da mudança em tempo aparente e em tempo real, através da modalidade de estudo tipo *em painel ou de tendências* proposto por Labov (1994). Ao final, mostram que o apagamento do /R/ final segue o padrão *gradação etária* e “tem sido considerado um caso de mudança de baixo para cima que, ao que tudo indica, já atingiu seu limite, e é hoje uma variação estável, sem marca de classe social” (CALLOU *et alii*, 1998, p. 13).

No artigo publicado em 2002, este inserido no livro “Gramática do Português Falado” (KOCH (org.), p. 463-487), os autores discutem “A pronúncia do /R/ no português do Brasil”. Os objetivos, neste caso, são:

1. estabelecer uma delimitação de áreas dialetais, com na distribuição das variantes do /r/, em posição posvocálica, nas cinco capitais que são objeto de estudo no Projeto Gramática do Português Falado (Castilho, 1990);
2. observar indícios de mudança através da gradação etária e eventual distinção de gênero (masculino e feminino). (CALLOU *et alii*, 2002, p. 464).

Também aqui a metodologia utilizada é a da “sociolinguística quantitativa laboviana” (SANKOFF, 1988). No corpus de dados são as seguintes as realizações fonéticas do /r/ examinadas: [r, R, x/χ, ħ/ʁ, r, ɾ] e [ə] fonético. Ao findar o estudo, Calou *et alii* tiram várias conclusões em relação ao /r/ em posição de coda entre as quais se destacam:

é preciso distinguir a posição interna e a posição externa do vocábulo, não só no que diz respeito à distribuição das variantes, mas também em relação aos fatores favorecedores dos processos ocorrentes nessas posições; [...] a análise dos dados de falantes de POA e SP indica que o processo de mudança pode ser gradual ou abrupto. (CALLOU *et alii*, 2002, p. 486-7).

Oliveira e Cristófar-Silva (2002, p. 25-47), no estudo que fazem da *Variação do /r/ pós-vocálico no português brasileiro*, discutem “um caso de variação e mudança sonora no português brasileiro que está sendo implementado lexicalmente”. Conforme explicam as autoras, o estudo

se relaciona à manifestação fonética do “r” pós-consonantal em variedades do português em que o /l/ em final de sílaba é vocalizado. Mais especificamente, espera-se em português que o R- forte ocorra após consoantes em final de sílaba (cf. desrespeito, genro, melro). Em variedades do português em que o /l/ se vocaliza em final de sílaba, tanto o R- forte quanto o r-fraco (ou tepe) podem ser observados” gue[rw]a ou gue[wr].

Este fenômeno é decorrente da vocalização do /l/ em final de sílaba. (OLIVEIRA & CRISTÓFARO-SILVA, 2002, p. 25).

Na conclusão do trabalho, afirmam tratar-se de “um caso de mudança fonotática ativada por cisão primária [...], [...] uma evidência interessante para se justificar o modelo da difusão lingüística”. (OLIVEIRA & CRISTÓFARO-SILVA, 2002, p. 47).

Monaretto (2000) apresenta resultados de suas pesquisas a respeito do enfraquecimento ou mesmo do apagamento do “erre” no Sul do Brasil. Segundo suas conclusões, a classe morfológica, função, localidade, posição da palavra, dimensão da palavra, idade, contexto precedente, escolaridade e ritmo são as variáveis que condicionam o apagamento da vibrante. Além disso, explica a autora, a diferença entre os pesos relativos referentes à supressão da variável nos verbos e nos nomes é bastante grande e, diferente do que se verifica em algumas cidades, como no Rio de Janeiro, por exemplo, o Sul do País é uma região conservadora, na qual o apagamento do “erre” se dá, sobretudo, em posição de final de palavra.

Já no trabalho publicado em 2003, Monaretto atribui à fricativa um dos aspectos responsáveis pela atenuação e, em alguns casos, pelo desaparecimento da pronúncia do fonema “erre” no contexto lingüístico atual. A pronúncia do “erre” fricativo, explica a autora, foi a origem histórica da alteração gráfica de vocábulos como *corsaiu* > *cossário*, *ursu* > *osso*. Essa tendência, embora sutil, continua produtiva na língua portuguesa nos dias atuais, conclui a autora.

3. A FONOLOGIA NATURAL

A Fonologia Natural é, segundo Cristófaros-Silva (2002, p. 201), uma corrente alternativa proposta por Stampe (1973, 1980) para fazer frente à fonologia gerativa padrão e de certa maneira dá continuidade às perspectivas teóricas levantadas por Chomsky & Halle (1968) quanto à naturalidade das representações e processos fonológicos.

Como lembram Donegan & Stampe (1978a), a Fonologia Natural é um desenvolvimento moderno e integrado das mais antigas propostas explicativas da fonologia. Ela se inspira em estudos sobre fonética e a mudança fonética do século XIX, a variação dialetal, a fala da criança, a alternância vocálica e em trabalhos da primeira metade de século XX sobre a fonética dinâmica e a percepção fonológica. A tese básica

é a de que os padrões vivos das línguas, tanto no seu desenvolvimento idioletal, dialetal ou socioletal como na sua evolução através dos tempos, são governados por forças implícitas na vocalização e na percepção humanas.

Na versão moderna da teoria (DRESSLER, 1972, 1973, 1984, 1985; STAMPE, 1973; DONEGAN & STAMPE, 1978a, 1978b; KIPARSKY, 1985; OHALA 1986, 1987) essas forças fonéticas implícitas se manifestam através de processos, ou seja, de substituições mentais que, de modo sistemático, mas subconsciente, adaptam as intenções fonológicas do falante às suas capacidades fonéticas e que, inversamente, habilitam-no a perceber na fala dos outros as intenções fonológicas subjacentes às realizações fonéticas superficiais. Isso explica a classificação tipológica entre os processos enfraquecedores (*lenition processes*), que favorecem o conforto articulatório e os fortalecedores (*fortition processes*), que favorecem o conforto perceptual. Os primeiros atuando, de preferência, nos registros fonoestilísticos espontâneos, casuais, rápidos; os segundos, nos registros formais, enfáticos, lentos. Nesse sentido, o sistema fonológico de uma língua seria apenas o resíduo de um sistema universal e inato de processos de tal modo que ao invés de se falar em aquisição da linguagem seria mais apropriado dizer que a aquisição de uma língua particular ocorre por desaquecimento parcial da linguagem universal.

A Fonologia Natural é uma teoria natural no sentido estabelecido por Platão segundo o qual a linguagem deve ser considerada como uma manifestação natural das necessidades, capacidades e mundo dos usuários e não como uma instituição meramente convencional. É também uma teoria natural na medida em que tenta explicar seu objeto, mostrando que ele se conforma naturalmente à natureza das coisas. Em outros termos, não é uma teoria convencional no sentido da filosofia positivista que tem dominado a lingüística moderna e cuja finalidade é descrever (e não explicar) seu objeto exaustiva e exclusivamente, por exemplo, gerando o conjunto das línguas fonologicamente possíveis.

Essa distinção fundamental entre natural e convencional justifica o tratamento diferenciado que a Fonologia Natural reserva à explicação das alternâncias fonológicas, distinguindo, de um lado, os processos produtivos e, de outro, os não produtivos, entendidos como aqueles que se fossilizaram na gramática após terem perdido a sua produtividade e que podem ser descritos por meio de regras morfofonológicas, sem motivação ou com motivação apenas morfológica. A Fonologia Natural, enfim, busca explicar a natureza dos processos fonológicos e determinar as características das regras específicas das línguas naturais.

3.1 A FONOESTILÍSTICA

Como se pode observar, a Fonologia Natural tem um interesse particular para com a Fonoestilística, que vem a ser o estudo da variação fônica intra-individual (idioletal), dialetal e socioletal. Esta área da Fonologia Natural obteve incremento somente nos últimos anos graças ao desenvolvimento da sociolinguística com LABOV (1972) e às fonologias naturais em geral e estudos subseqüentes.

A análise espectral nos registros rápido-relaxados é um estudo de capital importância no estágio atual de desenvolvimento das pesquisas fonético-fonológicas. O interesse por esses registros se deve ao fato de que constituem a principal matriz do nascimento de um fonema (ANGENOT & ISTRE, 1985). Segundo Hyman (1975), um processo de fonologização motivado pelo contexto é apenas uma mudança intrínseca, automática, que se tornou consciente, extrínseca e perceptível. A linha da perceptibilidade parece ser o fator decisivo da passagem do fonético ao fonológico. Os processos que caracterizam a fala casual podem ser explicados como o resultado inevitável de uma aceleração da velocidade do enunciado. Os órgãos articulatórios não dispõem de tempo suficiente para se adaptar aos objetivos determinados pelo input, ou seja, a intenção fonológica (OHALA; HOMBERT; EWAN, 1979).

Do ponto de vista da Fonologia Natural, o primeiro e principal mecanismo de uma mudança fônica é a eliminação de restrições sobre processos. A supressão da interdição absoluta de processos, na concepção de Stampe (1973, 1980), equivaleria ao conceito chomskyano de adição de regra. Dressler (1985) observou que a dinâmica de uma mudança consiste na generalização de processos enfraquecedores que, numa primeira fase, limitam-se ao registro casual, para, em seguida, manifestarem-se em situações lingüísticas cada vez mais formais até se tornarem obrigatórios. Enquanto os processos fortalecedores atuam, preferencialmente, nos registros formais, enfáticos, tensos e nas posições *fortes* tais como nas vogais tônicas, em início de palavra e núcleo silábico, os enfraquecedores realizam-se nos registros rápidos e relaxados e nas posições *fracas* como as mais resistentes à identificação perceptual por razões de limitações físicas do aparelho auditivo humano, que reluta em captar seqüências tornadas breves pela velocidade de articulação e por uma questão de complacência do filtro psico-acústico que cada indivíduo possui e que tem como principal efeito recuperar

perceptualmente a maior parte das distorções fonéticas involuntárias, relativamente às intenções fonológicas e, em especial, nos registros descuidados.

Ora, observar os dados sob a ótica da Fonologia Natural e da Fonoestilística implica em alterar o formato da concepção tipológica dos processos produtivos. É geralmente admitido que os estilos formais, enfáticos, lentos representam os tipos de fala mais conservadores; que os estilos ditos normais ou médios se posicionam numa faixa intermediária; e que os estilos espontâneos, casuais, rápidos são mais progressistas. A mudança histórica das línguas, portanto, ocorre a partir da fala espontânea, considerada sincronicamente como um estilo extremamente progressista, casual, muitas vezes estigmatizado socialmente, mas que poderá tornar-se a fala normal de uma futura geração. Do mesmo modo, o estilo normal de hoje pode, no futuro, ser considerado extremamente formal, até mesmo arcaico ou pedante. Nessa perspectiva dinâmica, os registros espontâneos de hoje serão os registros normais de amanhã e os registros formais de depois de amanhã. De outra forma, de acordo com Dressler (1972), pode-se dizer que “today’s normal style is yesterday’s casual style and today’s emphatic style is yesterday’s normal style”. Entende-se, pois, que a utilização da metodologia da fonoestilística pancrônica (sincronia e diacronia simultâneas) é uma forma mais objetiva que os estudos acústicos estáticos de observar os eventos de fala na medida em que permite acompanhar efetivamente, *in vivo*, aqui e agora, a dinâmica evolutiva da língua.

3.2 VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E ANÁLISES FONOLÓGICAS

Pesquisas na área da sociolingüística e/ou da variabilidade da fala e de análises fonológicas requerem cuidados especiais no que concerne à coleta de dados uma vez que podem, dependendo da situação, apresentarem informações não confiáveis do ponto de vista científico. Nesse sentido, Soares (1986), citando Labov, alerta:

a situação social, [...], é o mais poderoso determinante do comportamento verbal; em situações naturais e distintas, crianças e adolescentes classificados como lingüisticamente ‘deficientes’, quando sua linguagem é avaliada em situações de teste, evidenciam uma linguagem complexa, expressiva, logicamente estruturada, embora diferente da linguagem de crianças e adolescentes das classes favorecidas.

Chambers (1996) e Cagliari (2002) também recomendam atenção quanto aos estudos que tratam da variação lingüística e de análises fonológicas. Segundo Chambers (1996, p. 68), “em qualquer cultura, quando as pessoas fazem parte da mesma classe

social, elas têm em comum não só salários e educação similares, mas também atitudes, gostos, recreações, modas, e até mesmo normas lingüísticas”. Cagliari (2002, p. 112), recorda que o neste tipo de estudo

é preciso delimitar a abrangência dos fatos, formar um conjunto relativamente restrito, para que não entrem na análise estágios, níveis e fatores tão diferentes da língua que tornem a análise contraditória e, portanto impossível. [...] quando se tem muitos informantes, convém começar a análise dos dados não comparando fatos isolados, mas agrupando-os em função de fatores históricos, geográficos, sociais, estilísticos etc.

3.3 PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA ÁREA DA FONOSTILÍSTICA

Em relação a trabalhos que enfocam a Fonologia Natural e a Fonoestilística como método de análise fonológica do português brasileiro, registre-se a tese de doutorado de Abaurre Gnerre (1979), o trabalho apresentado à comissão examinadora do Concurso Público para Professor Titular da Universidade Federal de SC por Vieira (1987) e aqueles que, mesmo sem mencioná-las explicitamente, trabalham com regras e processos envolvidos no português falado atualmente no Brasil: Scarpa (1999), Ilari (2002), Koch, org. (2002), Reis (2002).

Além desses, há outros trabalhos que, embora não envolvam a português, utilizam a ferramenta da fonoestilística para refinar suas análises como os realizados na dissertação de mestrado de Amaral da Silveira (1991), na tese de doutorado de Ferrarezi (1998) e na tese de doutorado de Angenot-de-Lima defendida em Leiden/Holanda em 2002.

4. O OBJETIVO DO TRABALHO

Com base no aporte teórico acima exposto, os objetivos deste trabalho são: a) realizar um estudo acústico das realizações dos róticos (em diferentes posições dentro da palavra) na fala de cinco informantes do português brasileiro falado na cidade de Joinville/SC tendo por base a emissão do enunciado “Rato gordo e esperto, de uma nova era, corre atrás de gato desriçado dentro de um bar” em três diferentes velocidades de fala; b) explicar, através dos dados lingüísticos e extralingüísticos, as razões do desempenho de cada informante; c) ao final, descrever o(s) processos

fonológicos subjacentes utilizados pelos informantes para as realizações fonéticas do “erre” no corpus examinado.

5. PRODECIMENTOS METOTOLÓGICOS

Os dados para a análise lingüística foram obtidos durante a produção do enunciado “Rato gordo e esperto, de uma nova era, corre atrás de gato desriçado dentro de um bar” por cinco falantes do português brasileiro (dois homens e três mulheres), funcionários de uma empresa prestadora de serviços de segurança em edifício residencial situado no centro da cidade de Joinville/SC, onde residia o pesquisador.

Além de razões científicas, que serão evidenciadas e detalhadas na seqüência do desenvolvimento do trabalho, a opção por esses informantes deveu-se a um conjunto de motivos entre os quais se destacam: grupo de pessoas com funções idênticas ou assemelhadas e desempenhadas num mesmo local de trabalho, relacionamento constante entre si e o pesquisador, disponibilidade e facilidade para a obtenção dos dados da pesquisa, facilidade para conferir e/ou reconferir os dados intra e extralingüísticas.

A conclusão dessa etapa resultou em informações a respeito do gênero dos informantes, de suas *naturalidades*, faixa etária, residência urbana, endereço residencial e, subjacentemente a tudo isso, a posição social de cada um. Para manter preservada a individualidade, seus nomes foram substituídos pelas primeiras letras do alfabeto grego e como um dos funcionários recusou-se a liberar as gravações para efeito de pesquisa, a amostra ficou reduzida a quatro funcionários, ou seja: α , β , γ e δ . O Quadro dois (2) sintetiza as informações obtidas.

Variáveis ⇒ Informantes ↓	Gênero	Idade	Naturalidade	Anos e local de residência em Joinville	Nível escolar	Profissão e local de trabalho
α	F	32	Joinville	32 Bairro Floresta	Ensino Médio	Recepcionista do edifício Méditerranée
β	F	27	Lages	11 Bairro Iririú	Ensino Médio	Recepcionista do edifício Méditerranée
γ	F	30	Dois Vizinhos (sudoeste do Paraná)	3 Bairro Jardim Sofia	Ensino Fundamental	Zeladora de edifício Méditerranée
δ	M	42	São Francisco do Sul (cidade vizinha a Joinville)	9 Bairro Boa Vista	Ensino Médio	Agente de segurança privada em exercício no edifício Méditerranée

Quadro 2: Variáveis extralingüísticas dos quatro informantes

5.1 CONSTITUIÇÃO DO CORPUS E COLETA DOS DADOS

O enunciado “Rato gordo e esperto, de uma nova era, corre atrás de gato desriçado dentro de um bar” foi prévia, cuidadosa e intencionalmente elaborado para garantir na sua constituição a presença de vocábulos da língua portuguesa continentais do grafema “erre” e representantes das “unidades sonoras /r/ (erre fraco) e /R/ (erre forte)” (FARACO, p. 20-2, LEMLE, 2004, p. 22) ou do fonema /r/ e do arquifonema /R/ (SILVA, p. 157-162), no maior número possível de ocorrências e em ambientes fonéticos previsíveis para o idioma português falado no Brasil. Os Quadros 3 e 4 mostram essas possibilidades, com exemplos em itálico quando se trata de vocábulo do enunciado em análise.

Ambiente	Realizações fonéticas	Exemplos
V__V	[r]	<i>Era</i>
C(V)__\$V	[r]	beira, touro
#~\$C__V	[r]	<i>atrás, dentro</i>

Quadro 3: A pronúncia do /r/ (fraco ou simples) no português brasileiro

Ambiente	Realizações fonéticas possíveis	Exemplos
C(V)__\$V	[, r, (h)/fi, (x)/y, (ç)/z, i,]R	desriçado, guelra, honra, bairro
V__V	[, h, x, ç,]R	corre
#__V	[, h, x, ç,]R	rato
V__\$#	[, r, i, j, h, x, ç, R, ø (em verbos)]	bar (monossílabo); amor, correr (verbo)
__\$C(C~C)	[i, j, h/fi, x/y, ç/z/,R]	gordo, esperto

Quadro 4: A pronúncia do /r/ (forte ou múltiplo) no português brasileiro

Como mostram os dois quadros, não foram incluídos no enunciado o /r/ fraco em início de sílaba seguindo (semi)consoante ou segmento assilábico [C(V)__\$V] nem o /r/forte em final absoluto de palavras não monossilábicas ([V__\$#]) pelas seguintes razões: a) não incluir no enunciado palavras que pudessem prejudicar a *aceitabilidade* da frase (no primeiro caso) e evitar vocábulos com previsibilidade alta de apagamento do /r/ ([R(r)/__\$# → ø], fenômeno sobejamente conhecido e confirmado por farta literatura (CALOU *et alii*, 2002, p. 463-4) como ocorre com os verbos no infinitivo, por exemplo.

Antes da gravação, os informantes receberam explicações a respeito da formação da frase e de procedimentos técnicos a serem obedecidos para que os dados resultantes permitissem conclusões confiáveis. Receberam também explicações quanto à inclusão e significação da palavra *desriçado* por se tratar de um vocábulo de uso muito restrito entre os falantes do português, mas, na sentença, uma presença importante para garantir o /r/em início de sílaba seguindo consoante ([C__\$V]). Além disso, a intenção era conferir um sentido translato e ficcional ao conteúdo da sentença.

Durante esse processo, dois informantes questionaram não só a inserção e o significado desse termo no enunciado como também pediram informações acerca da pronúncia *correta* (desriçado ou desrizado?), ambas possíveis e significando a mesma coisa. Foi-lhes assegurado que a pesquisa não tinha por objetivo estabelecer julgamentos de valor de qualquer espécie, muito menos de cunho lingüístico e, portanto, a pronúncia desse termo ficava a critério de cada um.

Além disso, como a gravação incluía a pronúncia do enunciado em três velocidades de fala (registro espontâneo ou semi hipoarticulado/SHA, registro normal ou normalmente articulado/ NOA e registro enfático ou máxi hiperarticulado/MHA), foi-lhes explicado também, mas superficialmente, as razões desse procedimento já que era preciso garantir naturalidade nas enunciações mais rápidas. As explicações técnicas incluíram instruções detalhadas de como proceder no momento da gravação, desde como manusear o aparelho até como produzir o enunciado nas três velocidades de fala. O gravador ficou à disposição dos quatro informantes na portaria do edifício pelo período de uma semana.

Finalmente, toda essa etapa da pesquisa foi precedida e seguida da assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido pelos quatro informantes.

5.2. ARMAZENAMENTO DOS DADOS

Concluída a etapa da coleta de dados, as gravações foram transferidas para o computador e ali armazenadas através do *Programa Praat* (BOERSMA, 2006). Subseqüentemente, através desse mesmo programa, foram produzidos osciogramas ou *wave forms* para a fala de cada informante, em três velocidades, conforme mostra parcialmente a Figura 1. Posteriormente, essas informações foram armazenados em novos arquivos, tornando-se facilmente acessíveis para a execução de monitoramento visual e acústico simultâneos dos enunciados em cada registro fonostilístico.

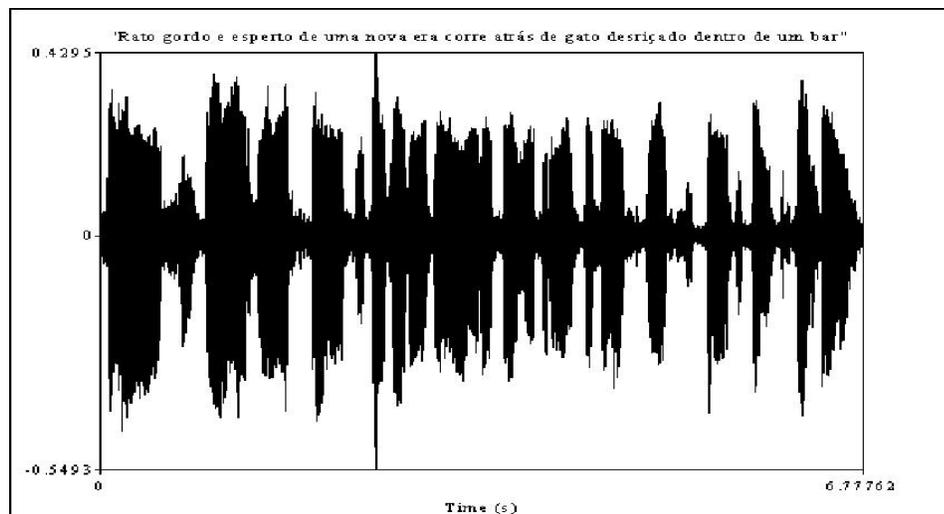


Figura 1: Oscilograma do registro semi-hipoarticulado produzido pela Informante α

6. PRIMEIRAS CONSTATAÇÕES E ALGUNS AJUSTES

Durante o processo e transcrição, constatou-se que os informantes, de maneira geral, produziram o enunciado no denominado “registro espontâneo” ou “hipoarticulado” em baixa velocidade (média de 07,4 s), muito próxima do registro considerado “normalmente” articulado (média de 08,6 s). Ou seja, cerca de apenas 2,8% mais rápidos do que os registros “normalmente” articulados. Por outro lado, os registros “hiperarticulados” foram produzidos de forma ainda mais enfática do que se esperava, ocupando uma média de 43,8% do tempo total dos três enunciados, conforme sintetizado no Quadro 6. Entre as justificativas para esse procedimento pode-se apontar: a) instruções pouco claras e objetivas do pesquisador; b) e/ou resposta inconsciente dos informantes à insuficiente naturalidade do conteúdo do enunciado; c) inquietação por executar uma tarefa não corriqueira. Todavia, se por um lado isso pode considerado como perda (parcial) da espontaneidade da fala, ganham os dados soletrados, de outro lado, uma maior qualidade enfática. Esses fatores, portanto, não invalidam, em absoluto, a pesquisa, mas apenas exigem mudança no rótulo dos registros. Em outros termos, ao invés de classificá-los como *hipoarticulados* e *hiperarticulados*, é mais adequado denominá-los *semi hipoarticulados* (R. SHA) e “*maxi hiperarticulados*” (R. MHA), respectivamente. Os registros *normalmente articulados* (NOA) permanecem rotulados da mesma forma.

Registros	α	β	γ	δ	Média Geral	%
SHA	06.7 s	09.09 s	06.9 s	06.6 s	07.4 s	016,8
NOA	09.6 s	09.9 s	07.7 s	07.1 s	08.6 s	019,6
MHA	23.3 s	41.7 s	30.7 s	15.9 s	27.9 s	063,6
Total por Informante	39,6 s	60,7 s	45,3 s	29,4 s	43,8 s	100,0
% por Informante	22,6	34,6	25,9	16,8	----- ----- -----	----- ----- -----

Quadro 5: Velocidade de fala durante a produção do enunciado

Definidas as novas terminologias, todos os dados foram submetidos à nova análise acústica com o objetivo de refinar, neutralizar e/ou filtrar ao máximo as possíveis e prováveis interferências perceptivas do aparelho auditivo do pesquisador e centralizar o foco da observação no ambiente fonética das realizações do fonema /r/ e do arquifonema /R/. Para isso, os arquivos dos dados armazenados foram novamente acessados e através da operação denominada *To Text Grid*, disponível no *Programa Praat*. Por intermédio dessa operação, as informações acústicas presentes na fala dos informantes foram transformadas em dados digitais e projetadas na tela do computador subdividida em três faixas retangulares: o primeiro retângulo, no alto da tela, continha o oscilograma do ambiente fonético segmentado; o segundo, ao meio, o espectrograma (em feixes verticais cinzas), o *pitch* (em linhas sinuosas azuis) e a intensidade (em linhas sinuosas amarelas); o terceiro retângulo, na parte inferior da tela, em fundo amarelo, dispunha de amplo espaço reservado para a transcrição fonética do ‘r’, agora com monitoramento visual duplo, além, do monitoramento auditivo. A Figura 2 ilustra um resultado da operação executada via *To Text Grid* para cada /r/nos nove vocábulos do enunciado produzido pelos quatro informantes. Graças a essa tecnologia, foi possível efetuar uma transcrição fonética mais refinada, conforme consta no Quadro 6.

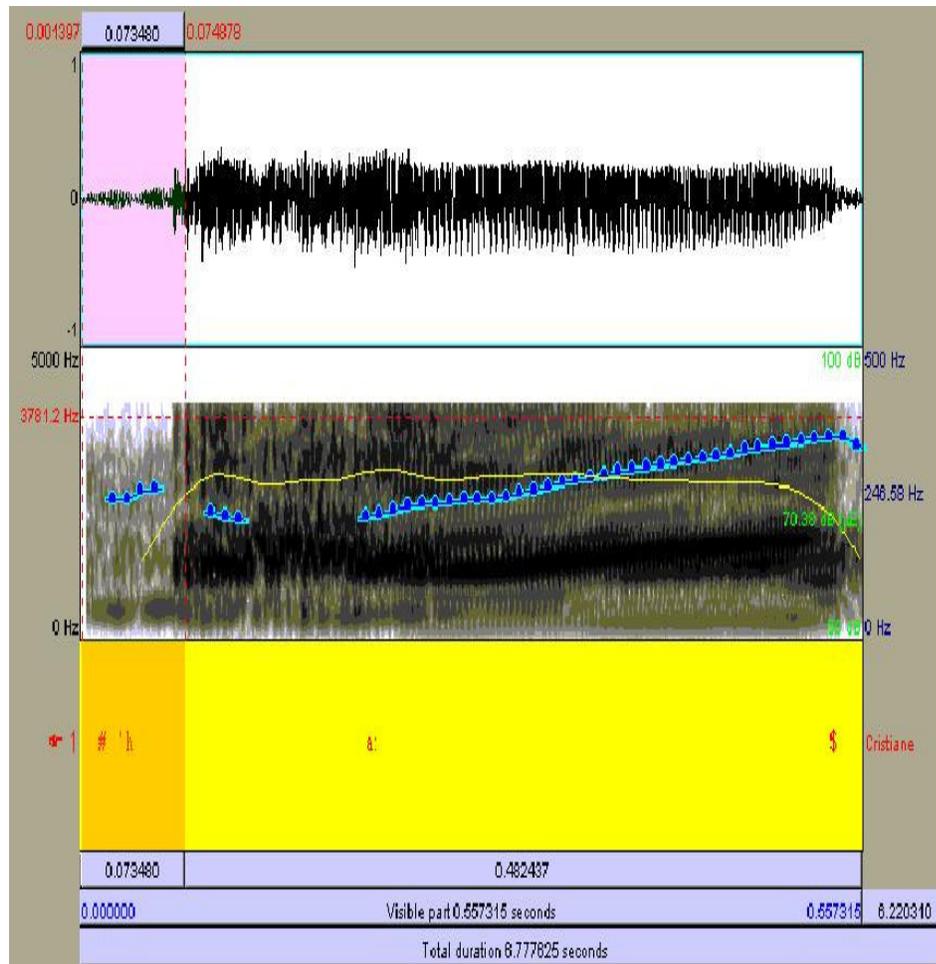


Figura 2: Realização fonética do “erre” no Registro semi-hipoarticulado da Informante α .

<p>INFORMANTE α <u>Registro semi hipoarticulado</u> ['ha:to'go:ɪdoes'pe:ɪtu'deŋma'nɔv'eɾə'kɔhja'tra:zde'gatudefi'sa:du'dɛtrodeũ'ba:ɪ.] <u>Registro normalmente hipoarticulado</u> ['ha:to'go:ɾdoes'pe:ɪ'to:'deŋmɛ'nɔv'e'ra:'kɔhja'tra:zde'gatudefri'sa:du'dɛtro'deũ'ba:ɪ.] <u>Registro maxi hiperarticulado</u> ['ha:.'to:.'goh:.'do:.'e:.'es'pe:h'to:.'de:.'ũm:.'ma:.'nɔ:.'va:.'e:.'ra:.'kɔ:.'he:.'a:.'tra:z'de:.'ga:.'to:.'de:s:.'ri:.'sa:.'do:.'dɛn:.'tro:.'de:.'ũ:.'ba:ɪ:.]</p> <p>INFORMANTE β <u>Registro semi hipoarticulado</u> ['hato'go:r'does.'pɛ:ɾtə'dũma'nɔv'e'ɾə:.'kɔhja'trazde'ga'to:.'dezfi'sa:do'dɛtrodeũ'ba:ɪ.] <u>Registro normalmente hipoarticulado</u> ['hato'go:ɾdoes'pe:ɪ'tə'diũmɛ'nɔv'e'ɾa:.'kɔhja'tra:zde'gatudefi'sa:do'dɛtro'deũ'ba:ɪ.] <u>Registro maxi hiperarticulado</u> ['hato:.'go:ɪdo:.'e:.'es:.'pe:ɪ:.'to:.'de:.'ũm:.'ma::.'nɔ:.'va:.'e:.'ra:.'kɔ:.'he:.'a:.'tra:ɟ:.'de:.'ga:.'to:.'de:s:.'hi:.'sa::.'do:.'dɛn:.'tro:.'de:.'ũ:.'ba:ɪ:.]</p> <p>INFORMANTE γ <u>Registro semi hipoarticulado</u> ['ha:tə'go:ɸ'duijs'peɸtu'deũma'nɔv'e'ɾa:.'kɔhja'trajdzɪ'gatuɔɟʃi'sadu'dɛtudzjũ'ba:ɪ.] <u>Registro normalmente hipoarticulado</u> ['hə:tə'goɸduɪes'peɸtu'deũma'nɔv'e'ɾa:.'kɔ:hja'trajdzə'gatu'dɛɛtɔɟzjũ'ba:ɪ:.] <u>Registro maxi hiperarticulado</u> ['ha:.'to:.'go:ɪ:.'do:.'e:.'es:.'pe:ɪ:.'to:.'de:.'ũm:.'ma:.'nɔ:.'va:.'e:.'ra:.'kɔ:.'he:.'a:.'tras:.'de:.'ga:.'to:.'de:s:.'hi:.'sa:.'do:.'dɛn:.'tro:.'de:.'ũ:.'ba:ɪ:.]</p> <p>INFORMANTE δ <u>Registro semi hipoarticulado</u> ['x'a:tʊ'goɪdoes'pe:xtu'deũma'nɔv'e'ɾa:.'kɔxja'trajzdɪ'gatuɔɟzi'sa:du'dɛtɔɟdjũ'bax:.] <u>Registro normalmente hipoarticulado</u> ['x'a:tʊ'goɪdoespe:xtu'deũma'nɔv'e'ɾa:.'kɔxja'trajzdɪ'gatuɔɟzi'sa:du'dɛtɔɟdjũ'bax:.] <u>Registro maxi hiperarticulado</u> ['xa:.'to:.'go:ɪ:.'do:.'e:.'es'pe:x:.'to:.'de:.'ũ'ma:.'nɔ:.'va:.'e:.'ra:.'kɔ:xɪ:.'a'trajs:.'de:.'ga'to:.'de:ɟi'sa:do:.'dɛtro:.'de:.'ũ:.'ba:x:.]</p>
--

Quadro 6: Transcrição fonética do enunciado produzido por α, β, γ e δ em três velocidades de fala

7. A PRODUTIVIDADE FONÉTICA DO FONEMA /r/ E DO ARQUIFONEMA /R/

O Quadro 7 apresenta uma síntese geral das realizações fonéticas do fonema /r/ e do arquifonema /R/ presentes nos nove vocábulos do enunciado “*Rato gordo e esperto, de uma nova era, corre atrás de gato desriçado dentro de uma bar*” estabelecendo um retrato do desempenho lingüístico dos quatro informantes da pesquisa. Em conformidade com o referencial teórico e metodológico apresentado acima, a disposição dos resultados segue a escala tipológica natural dos processos fonoestilísticos que vão *dos mais lentos ou formais para os mais rápidos ou informais*, ou *dos mais enfáticos para os mais espontâneos* ou - ainda mais próximo ao desempenho dos informantes

desta pesquisa - dos máxi hiper-articulados” para os “normalmente articulados e, destes, para os semi hipoarticulados: MHA → NOA → SHA.

Ambiente fonético	Realização fonética			Registro fonoestilístico	Vocábulo(s)	
# __ V ~ V __ V	[h]	[x]		MHA	‘rato’, ‘corre’	
	50%,	50%				
	[h]	[x]		NOA		
	75%,	25%				
	[h]	[x]		SHA		
	75%,	25%				
CV __ \$Ç	[ɹ]	[h]	[ɣ]	MHA	‘gordo’	
	50%,	25%,	25%			
	[r]	[h]	[x]	NOA		
	50%,	25%	25%			
	[ɹ]	[r]	[h]	[ɣ]		SHA
	25%	25%	25%	25%		
CV __ \$Ç	[ɹ]	[h]	[x]	MHA	‘esperto’	
	50%,	25%,	25%			
	[r]	[h]	[x]	NOA		
	50%,	25%	25%			
	[ɹ]	[r]	[h]	[x]		SHA
	25%	25%	25%	25%		
CVC\$ __ V	[h]	[r]	[ɣ]	MHA	‘desriçado’	
	50%,	25%,	25%			
	[h/h]	[r]	[ɣ]	NOA		
	50%,	25%	25%			
	[h]		[ɣ]	SHA		
	75%		25%			
CV __ \$#	[ɹ]	[r]	[x]	MHA	‘bar’	
	50%,	25%,	25%			
	[r]	[r]	[x]	NOA		

	50%,	25%	25%		
	[r]	[r]	[x]	SHA	
	25%	50%	25%		

Quadro 7: Síntese das realizações fonéticas do arquifonema /R/ dos 4 informantes do PB/Joinville/SC

8. CONCLUSÕES

As informações intra e extralingüísticas apresentadas, as do referencial teórico, dos procedimentos metodológicos e das seções subseqüentes permitem formular algumas conclusões e traçar um perfil fonoestilístico da pronúncia do “erre” do português brasileiro presente na fala de quatro informantes residentes na cidade de Joinville/SC, tendo por base a gravação do enunciado “*Rato gordo e esperto, de uma nova era, corre atrás de gato desriçado dentro de um bar*” em três velocidades de fala:

a) Preservados os objetivos propostos e as técnicas empregadas neste trabalho, as realizações fonéticas do fonema /r/ em posição [V__V e # ~ \$C __] são universais para os quatro informantes nos três registros fonoestilísticos e, conforme ampla literatura a respeito já estabelecida, coincidentes com o que espera para a maioria dos falantes do PB;

b) A ampla gama de possibilidades das realizações fonéticas do arquifonema /R/ (Quadros 3 e 4) sofre ligeira redução quando essa realidade é confrontada com as manifestações objetivas dos dados da pesquisa, isto é, limitam-se às seguintes variantes: [r, r, ɹ, h/ɦ, x/]ɹ.

c) Os ambientes fonéticos para a realização do arquifonema /R/ em início absoluto de palavra [# __ V] e em posição intervocálica [V__V] são neutralizados na fala dos quatro informantes, manifestando-se foneticamente como ambientes idênticos (Quadro 8);

d) Em consonância com os pressupostos teóricos, pode-se inferir que os registros MHA produzidos pelos informantes são os mais próximos dos seus *imput* fonológicos. Nesse sentido, os registros enfáticos dos dados desta pesquisa representam a fala mais conservadora e suas realizações fonéticas retratam evidências diacrônicas do PB um função de que na produção dos registros formais ou arquiformais os falantes, ao

contrário dos registros espontâneos, buscam hiperarticular ou até máxi hiperarticular as palavras e acabam, com isso, retratando um linguajar de aspecto pretérito;

e) Inversamente, os registros mais espontâneos, os SHA desta pesquisa, representam a fala mais progressista e, portanto, retratam evidências sincrônicas dos atos de fala dos informantes. Nesses casos, a atenção do falante está focada no ato comunicativo em si e, portanto, sem controle consciente da sua produção lingüística. A fala simplesmente flui e nesse nível de articulação lingüística podem ocorrer as transformações das línguas vivas porque é nesse plano que se encontra o berçário das mudanças das línguas naturais;

f) A variante [r] (*vibrante alveolar vozeada*) está praticamente apagada no *input* dos quatro informantes em todos os ambientes fonéticos examinados. A informante β, porém, retoma essa variante em uma ocasião no ambiente fonético CV__\$# ('bar') do R.SHA e em duas no ambiente fonético CV__\$Ç ('gordo') e CV__\$# ('bar') do R. NOA (Quadro 6), neste último ambiente com leve desvozeamento. As justificativas para isso podem ser encontradas nos dados extralingüísticos da informante. Nascida em Lages/SC, planalto serrano catarinense, o município dista 223 km de Florianópolis, mas faz fronteira com o Rio Grande do Sul, Estado em que o [r] alveolar é sabidamente ainda muito presente. Sua migração para Joinville há 11 anos, conforme consta no Quadro 2, porém, fez com seu [r] alveolar fosse paulatinamente se apagando e dando lugar a outras variantes mais produtivas no nordeste catarinense. Demonstração nessa direção podem ser constatadas na transcrição fonética dos seus dados lingüísticos disponíveis no Quadro 6. Em suma, nos registros SHA e NOA, pelo menos em três ocasiões, as características dialetais de sua origem natural ou do seu dialeto nativo falaram mais alto.

g) Dependendo do ambiente fonético, o arquifonema /R/ realiza-se, na seqüência de maior/menor ocorrência, conforme descreve o Quadro 8.

Registros	Realizações fonéticas	Ambientes
R. MHA	[h]	[# __ V] ~ [V __ V] ~ [CVCS __ V]
	[ɹ]	[CV __ Ç\$] ~ [C V __ Ç\$] ~ [CV __ \$#]
R. NOA	[h]	[# __ V] ~ [V __ V] ~ [CVCS __ V]
	[r]	[CV __ Ç\$] ~ [CV __ Ç\$]
	[r]	[CV __ \$#]
R. SHA	[h]	[# __ V] ~ [V __ V] ~ [CVCS __ V] ~ [ÇV __ C\$]
	[r]	[CV __ \$#]
	[r]	[CV __ C\$] ~ [CV __ \$#]
	[ɹ]	[CV __ C\$]
	[x]	[CV __ Ç\$] ~ [CV __ \$#]
	[ɣ]	[CV __ Ç\$] ~ [CVCS __ V]

Quadro 8: Realizações fonéticas do arquifonema /R/

h) O aparente caos ou a alta dispersão das realizações fonéticas no R. SHA se devem, sobretudo, a fatores extralingüísticos (Quadro 2). São exemplos disso a presença da *variante alveolar vozeada* [r] nos dados do informante β ou a preferência de α pela *variante aproximante lateral vozeada* [ɹ]. Esta última, nascida, utiliza um dialeto representativo da fala de grande parcela dos joinvilenses de hoje conforme apontam alguns estudos já realizados por Vegini (2003, 2004a, 2004, 2006) ou em trabalhos desenvolvidos por ele em sala de aula como parte do conteúdo programático da disciplina “*Lingüística da Língua Portuguesa*” no Curso de Letras da Univille. Há, de fato, entre os falantes nascidos em Joinville, como é o caso de α , uma acentuada tendência para produzir a variante fonética [ɹ], prioritariamente no contexto [CV __ Ç\$ ~ Ç\$], embora seja essa constatação invariavelmente abominada pelos estudantes, que a consideram preconceituosamente como *caipira*. Nessa mesma linha de raciocínio, devem ser vistas as idiosincrasias da fala de γ . Nascida no sudoeste do Paraná, mas residente em Joinville há três anos, é a única informante que emite os fonemas /t/ e /d/ como africados e o que mais utiliza a variante [h] no registro SHA, (Quadros 2 e 6).

Finalmente, fato singular é mesmo o desempenho lingüístico do informante δ . Acima dos quarenta anos, nascido em São Francisco do Sul e de pais francisquenses, conforme confidenciou posteriormente à gravação, reside no Bairro Boa Vista, na cidade de Joinville há nove anos. Dos quatro informantes, o único do gênero masculino, apresenta uma regularidade fonética na pronúncia do /r/ impressionante se comparada aos outros três informantes. Apenas a título de exemplificação, das suas 27 pronúncias do /r/ presente no enunciado submetido à gravação, 18 são variantes *fricativas velares* (*vozeadas/desvozeadas*), [x/ɣ], e as nove restantes, *tepes alveolares* [r] (Quadro 2 e 6). Nenhuma outra variante foi detectada em sua fala e, em face disso, é muito provável que seu desempenho se deve à origem açoriana da maioria dos habitantes de São Francisco do Sul.

i) A realização fonética do arquifonema /R/ que apresenta maior produtividade entre os quatro informantes do português brasileiro (PB) falado em Joinville/SC (Quadro 6, 7, 8 e 9) é a *fricativa glotal desvozeada* [h].

	R. MHA	R. NOA	R. SHA
/R/ →	→ [h] ~ [ɹ] →	→ [h] ~ [r] ~ [ɹ] →	→ [h] ~ [r] ~ [ɹ] ~ [x/ɣ] →
Intenção fonológica	Realizações fonéticas		

Quadro 9: Realizações fonéticas mais produtivas entre os quatro falantes do PB falado em Joinville/SC

10. NOVAS INDAGAÇÕES

Cabem, finalmente, algumas indagações como consequência das conclusões acima:

a) Se o número de informantes fosse ampliado e se o registro SHA fosse mais natural do que os examinados neste artigo, os resultados da pesquisa seriam semelhantes?

b) Seria a sonoridade do /r/, de fato, uma unanimidade nacional? Não haveria outras nuances a serem observadas nos três ambientes fonéticos possíveis: [V__ V], [C(V)\$ __ V], [# ~ \$C __ V]?

c) E se, para isso e a cada vez, fosse alterada a V precedente ou a seguinte ('era' 'eros', iris etc.) ou o segmento assilábico ('beira', 'besouro', 'honra') ou ainda a consoante precedente (braço, bronco, brinco, prego, fruta), ainda assim a unanimidade ficaria preservada?

Como se pode observar, o objeto enigmático da pronúncia do "erre" do português brasileiro contém ainda muitos mistérios e decifrá-los é, muitas vezes, uma questão de sobrevivência. Como disse Riobaldo Tatarana, "*A vida é ingrata no macio de si; mas transtroz a esperança mesmo do meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado*". (ROSA, J. G., 1999, p. 9).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABAURRRE GNERRE, M. B. *Phonostylistic aspects of a brazilian portuguese dialect: implications for syllable structure constraints*. A dissertation submitted to the Faculty of the Graduate School of State University of New York at Buffalo in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy. USA, 1979.
2. AMARAL DA SILVEIRA, V. M. A. *Tonoestilística experimental do kinyarwanda: o caso da antecipação tonal*. Florianópolis: UFSC, 1991. Dissertação de Mestrado.
3. ANGENOT, J. P.; VANDRESEN, P. The Portuguese [R]' s Revisited. In: ANGENOT, J. P. et alii. *Studies in purê natural phonology and relates topics*. Florianópolis: UFSC, 1981.
4. ANGENOT-DE LIMA, G. *Description phonologique, grammaticale et lexicale du moré, langue amazonienne de Bolivie*. Porto Velho: EDUFRO, Editora da Universidade Federal de Rondônia. Tese doutoral defendida na Universidade de Leiden sob a orientação de W. Adelaar, 2002.
5. ANGENOT, J-P. & ISTRE, G. L. The phonema 'in vitro' and 'ab ovo' or the boys of Brazil. In: *Miscellaneous Phonology*, v. 1 e 2, Florianópolis, 1985.
6. BOERSMA, P.; WEENINK, D. *PRAAT: doing phonetics by computer*. Amsterdam: University of Amsterdam. Disponível em: www.praat.org. Acesso em: jun. 2006.
7. BRASINGTON, R. W. P. Noun pluralization in Brazilian Portuguese. *Journal of Linguistics*, v. 7, p. 151-315, 1971.

8. CAGLIARI, L. C. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Tese de Livre Docente. Universidade Estadual de Campinas, 1981.
9. _____. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2002.
10. CALLOU, Dinah *et alii*. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: Koch, I. (org.). *Gramática do Português Falado*. v. VI: 465-493. Campinas, UNICAMP, 1996.
11. _____. Apagamentos do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *DELTA*, v. 14, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 24 maio 2006.
12. _____. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil. In: Koch, I. G. V. (org.). *Gramática do português falado*. Volume VI: Desenvolvimentos. 2ª ed.ver. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.
13. CASTILHO, A. Apresentação do projeto da gramática do português falado. In: _____. (org.), *Gramática do português falado – Vol. I*. Campinas: Editora da UNICAMP, FAPESP, 1990, p. 7-27.
14. CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford: Blackwell, 1996.
15. CHOMSKY, N. HALLE, M. *The sound pattern of English*. New York: Harper and Row, 1968.
16. CRISTÓFARO-SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2002.
17. DONEGAN, P. & STAMPE, D. The study of natural phonology. In: Dinnsen ed., *Current approaches to phonological theory*. Bloomington: Indiana University Press, 1978a.
18. _____. *Drift*. Conferência apresentada durante o simpósio “Sincronia e diacronia em lingüística”. Buffalo: State University of New York, 1978b.
19. DRESSLER, W. V. On the phonology of language death, *Papers of the Chicago Linguistics Society*, v. 8, p. 448-57, 1972.
20. _____. “Pour une stylistique phonologique du latin: a propos des styles négligents d'une langue morte”. In: *Bulletin de la Société de Linguistique*, v. 68, p. 1929-45, 1973.
21. _____. Explaining natural phonology. *Phonology Yearbook*, v. 1, p. 29-51, 1984.

22. _____. *Morphonology: the Dynamics of Derivation*. Ann Arbor: Karoma Publishers ann Arbor, 1985.
23. FARACO, C.A. *Escrita e alfabetização*. São Paulo: Contexto, 1992.
24. FERRAREZI Jr., C. *A interface semântica/morfossintaxe*. UNIR, Campus de Guajará-Mirim, 1998. Tese de doutorado.
25. GRANDA GUTIERREZ, G. La velarización de RR en Puerto Rico, *Revista de Filología Española*, 49, Madri, 1966.
26. HYMAN, L.M. *Phonology: theory and analysis*. New York: Holt, Reinhart & Winston, 1975.
27. ILARI, Rodolfo (org.). *Gramática do português falado*. Volume II: Níveis de análise lingüística. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.
28. KIPARSKY, P. Some consequences of lexical phonology. *Phonology Yearbook, New York*, v. 2, 1985.
29. KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2002.
30. LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: The University of Pennsylvania Press, 1972.
31. LEITE, Y. de F. *Portuguese Stress and Related Rules*. Unpublished Doctoral dissertation. University of Texas at Austin, 1974.
32. LEMLE, M. *Guia teórico do alfabetizador*. São Paulo: Ática, 2004.
33. MALMBERG, Bertil. *A fonética*. Trad. De Oliveira Figueiredo. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.
34. MARTINET, A. “R, du latin au français d’aujourd’hui”. In: _____. *Le français sans fard*. Paris: Pression Universitaires de France, 1969.
35. MATEUS, M. H. M. *Aspectos da fonologia portuguesa*. Lisbon: Centro de Estudos Filológicos, 1975.
36. MATTOSO CÂMARA, JR., J. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio: Coleção Rex. Edição da “Organização Simões”, 1953.
37. _____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Dozes, 1984.
38. MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira . Uma análise alternativa para a vibrante no português. *Organon*, Porto Alegre, v. 36, 2003.

39. _____. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: Leda Bisol; Cláudia Brescancini. (Org.). *Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro*. 1 ed. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 2002, v. , p. 253-268.
40. _____. As Consoantes do Português. In: Leda Bisol. (Org.). *Introdução aos Estudos de Fonologia do Português*. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 2001, v. , p. 195-228.
41. _____. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do sul do Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. março, p. 275-284, 2000.
42. _____. A Evolução do Apagamento da vibrante Pós-Vocálica em Porto Alegre. In: *IV Encontro do Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul*, 2000, Curitiba. Livro de Resumos do IV CelSul, 2000.
43. _____. O Desaparecimento da Vibrante Anterior na Fala do Sul do Brasil. In: *III CelSul*, 1999, Porto Alegre. Livro de Resumos do III CelSul, 2000
44. _____. Análise sociolingüística da vibrante no sul do país. *Graphos - Revista da Pós Graduação em Letras/UFPB*, 1997
45. MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira; HORA, D. Enfraquecimento e Apagamento dos Róticos. In: HORA, D; COLLISCHONN, G. (Org.). *Teoria Lingüística: fonologia e outros temas*. 1 ed. João Pessoa: Universitária, 2003, v. 1, p. 114-143.
46. OHALA, J.J. Phonological evidence for top-down processing in speech processing. In: *Perkell & Klatt (eds.)*. Invariance and Variability in Speech Processes. Hillsdale, New Jersey: Laurence Erlbaum Associates Publishers, 1986.
47. _____. Experimental Phonology. *Proceedings of the annual meeting. Berkeley Linguistics Society*, 1987.
48. _____.; HOMBERT, J.J; EWEAN, W.G. Phonetic explanation for the development of tone. *Lg*, v. 55, p. 37-58, 1979.
49. OLIVEIRA, M. A. de; CRISTÓFARO-SILVA, T. Variação do /r/pós-vocálico no português brasileiro: um caso de mudança fonotática ativada por cisão primária”. *Letras de Hoje*, v. 37, p. 25-47, 2002.
50. PÄHLSSON, C. *The northumbrian burr*. Lund: Berlingska Borktryckeriet Lund, 1972.
51. PAVIANI, L. A. *Brazilian Portuguese Morphophonology: A Generative Approach*. Unpublished Masters thesis. The University of Texas at Austin, 1969.
52. REIS, César (org.). *Estudos em fonética e fonologia do português*. Belo Horizonte: FALE – UFMG, 2002.

53. ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. Rio: Livraria José Olympio Editora, 1982.
54. SANKOFF, D. *Variable rules*. Montreal: Université de Montréal, Centre de Recherches Mathématiques, 1988.
55. SCARPA, Ester M. (org.). *Estudos de prosódia*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1999.
56. SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 1986.
57. STAMPE, D. *A dissertation on natural phonology*. Tese de doutorado. Chicago: The University of Chicago, 1973.
58. _____. *Natural phonology*. Nova York: Garland, 1980.
59. VEGINI, V. *Variação fonoestilística das vogais postônicas finais*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1989a.
60. _____. Variação fonoestilística idioletal do português brasileiro. *Revista Língua Viva*, Ano 1, p. 43-53, 2003.
61. _____. Registros fonoestilísticos num idioleto do português de Joinville. *Revista Univille*, v. 9 n.1, p. 86-95, 2004a.
62. _____. Processos fonológicos no português urbano de Joinville. *II Congresso Internacional de Fonética e Fonologia*. S.Luís: UFMA, 2004b.
63. _____. Processos fonológicos no português urbano de Joinville. *Revista Letras & Letras*, v. 22, p. 7-20, 2006.
64. _____. ANGENOT, J-P, AMARAL, V. L'apport du traitement instrumental à l'objectivation des variations phonostylistiques négligées. *Proceedings of the 2nd Natural Phonology Workshop*, 1989a.
65. _____. Aspects of casual brazilian portuguese". *Proceedings of the 2nd Natural Phonology Workshop*, 1989b.
66. VIEIRA, H. G. *Estudo de diacronia experimental: processos fonoestilísticos de um dialeto português de Santa Catarina*. Trabalho apresentado à Comissão Examinadora do Concurso Público para Professor Titular da UFSC no campo do conhecimento Língua Portuguesa: História da Língua, do Departamento de Língua e Literatura Vernácula. Florianópolis, 1987.

RESUMO: O trabalho apresenta um estudo da pronúncia do /r/ em falantes do português brasileiro em posições previsíveis dentro de palavras contidas no enunciado “**R**ato gordo e

esperto, de uma nova era, corre atrás de gato desriçado dentro de um bar” em três velocidades de fala: registro hipoarticulado, registro normalmente articulado e registro hiperarticulado. A gravação dos enunciados foi submetida a uma análise acústica, refinada através do programa computacional Praat, e os seus resultados foram interpretados à luz da Fonologia Natural, da Fonoestilística e das informações extralingüísticas fornecidas pelos informantes. Os resultados da pesquisa mostram, entre outras conclusões, que: a) o fonema vibrante alveolar /r/ inexistente nos registros mais enfáticos na fala de todos informantes; b) a variante /h/ é a mais pancrônica das realizações fonéticas; c) a realização fonética mais próxima da intenção fonológica é [h] ~ [ɹ], com leve predominância para a primeira; d) em velocidade média de fala (registro normalmente articulado), o fonema vibrante alveolar /r/ mostra ainda alguma produtividade; e) nos registros espontâneos, os quatro informantes, como era de se esperar, perdem o controle consciente da fala e retoma as idiosincrasias do sistema fonético de suas línguas maternas; f) comparados entre si, os informantes mostram grande dispersão nas realizações fonéticas nos registros espontâneos já que suas naturalidades são muito diversas.

PALAVRAS-CHAVE: Fonologia natural; Fonoestilística; Lingüística Variacional; Português Brasileiro.

ABSTRACT: The work presents a study on the pronunciation of orthographic /r/in native brazilian portuguese speakers, in the predictable positions inside words contained in the enunciation "Rato gordo e esperto, de uma nova era, corre atrás de gato desriçado dentro de um bar" in three different speeds of speech: hipo, medium and hiper registrations. The recording of the enunciation was submitted to an acoustic analysis, refined through the Praat computer program, and its results were interpreted linguistically to light of the Natural Phonology, Phonostilistics and of the extralinguistics information proceeding from the informants. The results of the research show, amongst other conclusions, that for the four informers: a) the alveolar trill phoneme /r/ is non-existent on the most emphatic registrations; b) the /h/ variant is the most panchronic of the phonetic realizations; c) the closest phonetic realization of the phonologic intention is [h] ~ [ɹ], with a slight predilection for the first; d) in medium speech speed, the alveolar trill phoneme /r/- still shows some productivity; e) in the more spontaneous registrations (hipo registrations), the four informants, as expected, loose conscious control of the speech and retake the idyosincrazy of their native languages' phonetic system; f) compared to each other, the informants show great dispersion in the phonetic realizations since their natural origins are very different.

KEYWORDS: Natural Phonology; Phonostilistics; Variability Linguistics; Brazilian Portuguese.

Recebido no dia 12 de abril de 2007.

Artigo aceito para publicação no dia 25 de julho de 2007.